

portas estavam fechadas e as janelas corridas — era a hora mais fresca do dia, a que precedia o alvorecer, mas mesmo assim, estufava. Porque estufava, todos os cheiros se misturavam, podendo distinguir-se desde o primitivo odor da tinta que estampava o tecido da janela, até ao cheiro dos coiros, até ao cheiro das diferentes madeiras. Era contudo um cheiro poderoso — o do coiro — que exalava mais forte, engolindo todos os outros, o que não admirava, porque o chão estava atapetado de peles de zebra, e as paredes estavam enfeitadas de setas, máscaras e tambores. O tecto tinha um desenho de forma estrelada construído em setas. Helena de Tróia começou a transpirar sobre o lábio — «Chiu! Este é o canto do Jaime. Diz o Jaime que tudo isto tem um alto valor antropológico». Depois aproximou-se da secretária que ocupava o local onde se esperaria ver um animal embalsamado. Subiu à secretária, alcançou a boca duma máscara, meteu lá o dedo, e com a ponta da unha, retirou uma chave. De fora veio um ruído que a fez sobresaltar. Helena sobressaltou-se. Desceu, correu à janela com a mão em cima do coração. «Não foi nada, não foi ninguém». Helena retomou a chave, dirigiu-se ao cofre. Rodou o segredo, devagar, a porta soltou-se, e de dentro, Helena começou a tirar envelopes. «Você vai ver aqui o que o Jaime diz ser um segredo de Estado!» — falava com intensa responsabilidade, o peso secreto de se conhecer um documento — disse Eva Lopo.

Pergunta-me se não tive conhecimento directo. Não directamente, apenas conheci algumas roupas sujas — disse depois Eva Lopo. E para quê conhecer directamente? Querer desconhecer não é uma cobardia, é apenas colaborar com a realidade mais ampla e mais profunda que é o desconhecimento. Aflige imenso o esforço que se faz para atingir umas centenas de quilómetros de papel onde se julga deixar selado o conhecimento. Papiro, pedra, papel, sinais, bibliotecas. Lembro a de Alexandria. Ah, Biblioteca de Alexandria, como eu te estimo tanta vez incendiada! — disse Eva Lopo. O conhecimento subtil dos teus papiros

amarelos, queimados, transformados em caracóis de fumo, escreveu ao longo dos séculos quilómetros e quilómetros de desconhecimento. A vida passa ao lado, vai correndo a caminho do reino obscuro das areias e das pedras. Estimo os países de vocação metafísica total, os que não investem na fixação de nada. Que queimam ou deixam voar, quando as manhãs ventosas de Outono chegam, tudo o que pode ser objecto de conhecimento — disse ainda Eva Lopo. Aprecio imenso esse esforço de tudo apagar para se colaborar com o silêncio da Terra. Pegue nestas palavras, leve-as para o terço, ponha-as na boca da noiva na noite d'Os Gafanhotos.

É assim que me lembro, ainda que para nada — disse de novo Eva Lopo — das caixas e dos envelopes selados que saíram do cofre. Estavam envolvidos em papel de plástico com armas dum exército dum país diferente e etiquetados com palavras também em língua diferente. Os envelopes dizia simplesmente *spoilt*, mas as caixas, essas, estavam rotuladas em caracteres grandes — TO BE DESTROYED. Helena avisou, no entanto, que para já não havia intenção de queimar. Quando houvesse uma independência branca, aqueles seriam os documentos que haveriam de atestar quem tinha e não tinha ido à guerra. Blablá mesmo escrito era uma coisa, enquanto a cara na película era outra — tinha dito o Jaime. Queimariam sim, no caso de haver uma volta diferente, mas o Jaime não acreditava em voltas diferentes. Por dentro das caixas havia envelopes, e dentro dos envelopes, amarradas com elásticos, as fotografias arrumavam-se por operações. Em cada envelope, às vezes manuscrito, lia-se *spoilt*. Helena começou a passar os envelopes. Devia conhecer as fotografias como um bom estudante conhece a sua sebenta. Ela ia seleccionando, ia dizendo baixo, não interessa, não interessa... Parou num envelope que dizia *Tigre Doido* para além de *spoilt*. Helena passou-me esse envelope, com o olho pregado ora na porta ora na janela, daquele quarto de caça. Vejo — as primeiras dez são fotografias de colunas normais. A pessoa que as tirou deveria ter sido uma das últimas porque apanhou, em terreno

quase descoberto, as cabeças de inúmeros soldados em longa fila, sobressaindo acima das gramíneas. Há fotografias prosaicas com soldados comendo deitados, outros enterrando latas. Numa outra estão fugindo e abandonando os bornais e as espingardas. Helena explica que se tratou dum ataque de formiga. Na fotografia seguinte, de facto, um soldado ri, mostrando uma espingarda sem bandoleira. Helena diz — «Começa aqui!» Helena mostra. Numa fotografia tremida, um negro esfarrapado está a ser segurado pelos braços, mas não se lhe vê o rosto porque está de costas. Vê-se na seguinte o rosto, mas não se lhe distinguem bem as feições nem a fotografia está legendada. Na seguinte, o capitão examina uma arma. Helena explica — «É uma Kalash que temos aqui em casa. Você sabia que temos uma Kalashnikov em casa?» Novamente a coluna, a vegetação rasteira, e em seguida os soldados figuram entre umas árvores sem copa que parecem ter sido queimadas. Não, não devem ter sido queimadas, são mesmo assim. Está legendado — *Zona dos Paus com paisagem de paus*. No meio desses paus, sem copa, é a primeira vez que distingo o noivo. Helena retira essa fotografia do molho e suspende a fotografia onde se lhe vê nitidamente a cabeça. Tem a barba crescida e a bóina espalmada na testa, o noivo. Depois só silhuetas, só figuras andando, depois o tipo negro sem camisa, de calções esfarrapados, à frente.

«Este é o mesmo a quem tiraram a arma» — explica Helena. «Não viu atrás?»

Helena faz questão de mostrar atrás, mas logo a seguir o homem negro dos calções esfarrapados aparece a ser amarrado pelo pescoço numa espécie de pano. «É a camisa dele» — explica. A fotografia seguinte representa uma árvore alta, sem folhas, como se realmente queimada, e um grande galho donde pende o negro, pelo pescoço, baloiçando sem camisa. A seguinte tem a mesma árvore, o mesmo galho, o mesmo negro, mas agora não tem nem calças nem camisa. O negro baloiça no galho da árvore, rodeado por soldados. Helena segura a fotografia. «Disse o Jaime que as calças dele escorregaram e que ejaculou para

cima do capim, em frente dos soldados portugueses! O Jaime diz que nunca mais acontece — agora vão amarrar sempre as calças de quem for enforcado, para se pouparem a cenas dessas!» — disse ela. «Passe» — disse, com um olho na porta, outro na janela. Passou outro pacote. Agora havia outro pacote que dizia *Víbora Venenosa*. Eram imagens de incêndios, aldeias em chamas, sem qualquer referência. O fotógrafo deveria gostar dos rolos de fumo. As seguintes tinham referência, localização, e número de palhotas destruídas — destruídas trinta, oitenta e três... Também traziam coordenadas. Agora no meio das palhotas incendiadas havia soldados correndo. Adiante, novo pacote. Estávamos sentadas num sofá de pano onde Helena ia empilhando e desempilhando. Helena mostrou-me com precaução o pacote que dizia *spoilt* como os outros e *Víbora Venenosa III*. Mais rostos, mais cabeças de soldados escondidos entre sarças, mais incêndios, e logo a imagem dum homem caído de bruços, depois dois telhados, e sobre um dos telhados de palha, um soldado com a cabeça dum negro espetada num pau. Viam-se vários corpos sem cabeça à beira duma chitala, um bando de galinhas avoejava sobre eles na mesma fotografia. Helena passou. Helena tomou a seguinte e mostrou o soldado em pé, sobre o caniço. Viase nitidamente o pau, a cabeça espetada, mas o soldado que a agitava não era um soldado, era o noivo. Helena de Tróia disse — «Vê aqui o seu noivo?» Ela queria que Evita visse. Era claro como a manhã que despontava que Helena de Tróia me havia trazido até àquela divisão da casa para que eu visse sobretudo o noivo.

Agora o noivo estava no primeiro plano do fotógrafo. O noivo aparecia com um cabrito às costas, a rir imenso, as orelhas separadas emergindo do barrete, depois entre duas mocinhas negras de cabeças penteadas com inúmeras marrafas, logo por cima do ombro dum velho tatuado, e em seguida a oferecer um cigarro a um rapaz ainda novo que ria aceitando o cigarro da mão do noivo. A admiração do fotógrafo deveria ter sido recente — o noivo e

o capitão ocupavam os primeiros planos numa forma abusiva. O *Lobo Assanhado*, pacote dez, sempre *spoilt*, representava feridos estendidos no chão, depois o momento em que dois deles se erguiam, e um deles ficava definitivamente estendido entre o mato. As sequências eram exactas e o fotógrafo uma pessoa atenta, talvez corajosa. Mas na fotografia seguinte, o noivo estava ajoelhado diante dum homem que não levantava a cabeça do mato. O noivo tinha a arma ao lado como se a houvesse deposto. Cobria a cara com as mãos, o noivo. «Foi quando o *Singer* morreu» — disse Helena, sempre sobressaltada, sempre em voz baixa. «Mas ficou o *Husqvarna* — eram os dois limpezas!» — disse ela. Percebo. O alferes Luís está chorando pelo melhor soldado da limpeza.

Helena passou a outro envelope, *Salamandra Roxa*, *spoilt*. Fotografias vulgares, documentos sem interesse que Helena põe de lado, só os rostos em primeiro plano mostram as barbas crescidas e a fadiga dos olhos. Depois as fotografias encolhiam o tamanho dos homens, o fotógrafo deveria estar longe, percebia-se que assaltavam alguma coisa. Havia uma que só revelava manchas, e logo na fotografia seguinte, surgia uma velha ao lado de Forza Leal. Dava-lhe pelo cotovelo, e a *ndona* do beijo era do tamanho dum prato. O capitão ria ao lado da velha que na fotografia parecia uma pele, uma espécie de bexiga seca enfiada em paus. «Vire» — disse Helena, espreitando a rua que havia clareado completamente. A legenda era clara — *Nancatári, a velha das setas*. Helena pôs-se a rir e indicou o tecto. «Está a ver aqui as setas?» — Helena aproximou a cara da velha com *ndona*. «Nunca se fica a saber o que acontece concretamente à velha das setas» — disse ainda. Percebia-se contudo, pela sequência que a velha tinha sido transportada para dentro dum Unimog, diante dum molho de setas, mas depois desaparecia, para surgir numa outra fotografia de maiores dimensões, como se tirada por outra máquina, sentada junto dum muro que deveria ser de Mueda. Atrás, estava a Administração, e uma espécie de hangar, um pedaço do aquartelamento de Mueda. Logo

outra de idênticas dimensões, com um mar de granadas e um morteiro oitenta e dois, de galga estendida, entre uma floresta de metralhadoras. Atrás, retratando-se para o futuro, as pequeniníssimas cabeças dos soldados. «Passe, passe!» — disse Helena, enervada com a lentidão com que a outra olhava para aquela quantidade de material capturado.

«Isto é infundável! Eles também estão armados até aos dentes».

«Veja esta» — disse Helena. Era um envelope que Helena tinha retirado para o lado. «Esta foi a operação *Espadarte Raivoso*, uma operação anterior àquela em que o *Singer* do seu noivo morreu. Repare como ainda estava vivo o *Singer*». Via-se o *Singer* diante duma fileira de homens e mulheres atados a uma corda, e ele puxando pela corda. «Passe!» — A corda era cada vez mais longa porque cada vez apareciam mais pessoas amarradas a ela. Helena de Tróia já deveria ter passado os dedos por ali dezenas de vezes, porque sabia de cor quantos prisioneiros estavam amarrados em cada fotografia com o *Singer*. «Vê aqui esta com uma barriga tão grávida? Olhe aqui nesta, como já tem ao colo o bebé. Perguntei, mas o Jaime nunca me disse para onde levaram o bebé. São catorze pessoas. Vê o *Singer* do seu noivo? Nas fotografias seguintes não se vê mais nem o *Singer* nem o *Husqvarna*, a não ser nesta» — Helena passou, o *Singer* e o *Husqvarna* vão juntos, cada um com sua faca de mato. «Passe!» — disse ela a olhar para a janela por onde o sol já entrava. Passei — as últimas mostravam, ainda que a fotografia estivesse com manchas, um cemitério esparso de pessoas negras. Ainda outra e outra. Helena puxou uma lupa da secretária. «Veja aqui» — Percebia-se que tinham sido amarradas pela boca e apunhaladas. «E aqui o seu noivo» — disse ela mostrando outra. — E aqui o noivo, e ali o noivo, e ao virar de cada fotografia, cansado, a rir, com as orelhas espetadas, a enterrar latas ou a fugir das formigas, o noivo por tudo e por toda a parte. Luís Alex, o noivo, por entre vultos, por

entre sombras. E quando Helena se sobressaltou com um ruído exterior, os pacotes foram empurrados para debaixo do sofá, e tanto os retratos quanto os coiros, as setas e os tambores, tudo ficou sob sombras.

Vejo sombras.

Não, não coloque o noivo, os alferes e o seu capitão entre essas sombras, quando os levar a dançar com as mulheres. A verdade é que nessa noite eles desviavam-se de todas as sombras, e elas colocavam o nariz nos seus ombros, e era imenso o perfume dos sabonetes que rescendia pela atmosfera. Sem música, como se estivessem no silêncio do mato e da floresta, mas lá em cima, no pino do *Stella Maris*. Nessa noite queríamos dançar descansadamente, só com o olhar dividido entre o céu e o mar, tornados da mesma cor. Lembre-se que nem víamos os ortópteros para prestarmos atenção ao que ia na nossa alma. O langor que subia pelo corpo até fazer unir as bocas. Por favor, evite todas as sombras. Tem-se feito um esforço enorme ao longo destes anos para que todos nós o tenhamos esquecido. Não se deve deixar passar para o futuro nem a ponta duma cópia, nem a ponta duma sombra.

V

Aliás, no seu relato, enquanto acontece aquela hora de espera, em que não se sabe contra quem foi atirado um tiro, nem por quem, ainda que se deduza — toda a gente dançava, e os gafanhotos empalideciam a luz — e por fim todos desceram à praia, inclusive o Comandante da Região Aérea, teria sido preferível que tivessem utilizado esse tempo para procurarem o noivo no lodo do Chiveve. Poderiam ter acompanhado Evita até ao pequeno jardim de árvores ralas, que nessa noite mal se divisariam, para espreitarem pelo paredão a fauna e a flora do lodo do Chiveve. Deveriam ter descido com lanternas, e aquele major, síntese de tantas criaturas, ele mesmo poderia ter divisado Luís Alex entre os caranguejos do lodo. A minúcia das pilhas eléctricas seria imensa e o verde dessa noite poderia ser iluminado duma outra forma. Se o encontrassem aí em vez de o terem recolhido das ondas lambidas do mar, o impacto teria sido diverso.

Assim, ela foi obrigada a esperar pela manhã para ver o Chiveve, e aproximou-se do paredão donde se via a margem repleta de caranguejos pardos. Alguns deles eram tão ousados que se aproximavam do paredão e mostravam nitidamente os dois pontos negros dos olhos. Evita pegou num calhau e atirou a um dos animais que pastava ao sol, e logo vários em redor se enfiaram em pequenas luras de